



Sociedade, Tecnologia, Educação e seus sentidos

Raquel Gianolla Miranda

Resumo: Este artigo se propõe a analisar aspectos da relação da educação com as tecnologias, no sentido de revisitar alguns termos e conceitos, bem como de relacioná-los com o movimento imposto pelas tecnologias no sentido da escrita, do diálogo e da educação/ensino a distância.

Palavras-chave: Educação. Tecnologias. Virtual. Ensino a distância. Educação a distância.

The senses of society and technology in education

Abstract: This article aims to analyze aspects of education related with technologies, in order to revisit some terms and concepts, and to relate them with the movement imposed by technology towards writing, dialogue and education / distance learning.

Keywords: Education. Technologies. Virtual. Distance learning. Distance education.

Educar – do latim educo, as, avi, atum, are – criar (uma criança), nutrir, amamentar, cuidar, educar, instruir, ensinar; dar (a alguém) todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de sua personalidade; transmitir saber a; dar ensino a; instruir; fazer (o animal) obedecer; domesticar, domar; procurar atingir um alto grau de desenvolvimento espiritual; cultivar-se, aperfeiçoar-se (HOUAISS, 2001).



As possibilidades tecnológicas relativas à comunicação e educação avançaram muito desde o século XV, quando a escola se institucionalizou. Apesar do entorno ter se transformado radicalmente através dos séculos, a escola ainda guarda marcas significativas de estrutura, organização e ação que em muito lembram as diretrizes que fundaram seus alicerces na Idade Moderna, e ainda se apega a crenças como quem tenta repor os tijolos de um muro que já caiu, aquele que isola a escola da sociedade em que esta está inserida, em todas as suas manifestações.

Olhar a escola como um meio externo à sociedade, isento de suas características e protegida das transformações ocorridas ao longo do tempo, há tempos não é mais possível de se conceber, principalmente com advento da democratização do ensino, quando o olhar da realidade brasileira bate às portas da escola e a faz repensar o que realmente consideramos ser “educação”, neste mundo contemporâneo das diferentes linguagens, das possibilidades virtuais de interlocução e aprendizagem e do que chamamos de ensino/educação à distância. Questões que nos convidam a estranhar nossas certezas, refazendo a leitura de um mundo que está aqui, ali, em toda à parte, camuflado, exposto, visceral, contido.

As múltiplas formas de linguagens nos múltiplos espaços e tempos são importantes meios de relação e aprendizagem; o diálogo, a interlocução – sabemos – importantes artes de estabelecer relações entre sujeitos.

No exercício do diálogo, o fator tempo/espaço define e estrutura algumas formas importantes que merecem atenção. Na comunicação por meio de cartas, por exemplo, o tempo pode estabelecer uma oportunidade de uma escrita mais refletida, mais estudada. Nesse contexto, o contato, a troca de ideias, acontece dentro de uma forma onde pensamento de um só se torna disponível para o outro, quando o texto for entendido como finalizado. As trocas, portanto, são mais pausadas e em tempos mais espaçados.

Na contemporaneidade, as possibilidades virtuais de comunicação nos revelam um modo especial de diálogo entre aquele que escreve e aquele que lê, quando a distância territorial se faz presente ou quando os autores deste cenário ainda não se conhecem para além das linhas do texto lido. Quantas ideias escritas e tantas outras multiplicadas quando lidas. Todas passíveis de serem princípios de um diálogo cujo assunto pode não ter fim. Porém, a mudança na relação tempo e espaço provoca



alterações importantes e fundamentais no exercício do diálogo e da apropriação do conhecimento, a serem consideradas.

Assim como outros modos de registro, a troca de mensagens eletrônicas pode trazer alguns prejuízos quanto ao cuidado com a escrita em virtude de seu caráter temporário e informal. Prejuízo também em relação à profundidade e à velocidade das afirmações trocadas, se pensarmos que a cultura do meio em que se escreve impõe o tempo previsto para trocas.

É importante observar, no entanto, que o diálogo existente se faz na construção das ideias colocadas por ambos, no tempo das perguntas de um que são alimentadas pelas respostas do outro. O cuidado com o texto escrito torna-se menos importante em meio à tentativa de acompanhar o ritmo das ideias e das trocas coletivas.

Nestes ambientes, as diferentes linguagens estabelecem formas de investigação e questionamento sobre o que estamos buscando aprender, abrindo possibilidades, também, de integrar os momentos de aprendizagem significativa.

Educação envolve a inter-relação dos ambientes, dos espaços cotidianos vividos e das diferentes possibilidades de diálogo e comunicação. O sentido educacional destas possibilidades está na significação e na perspectiva do olhar, ou seja, na atitude. Nesses ambientes, as diferentes linguagens podem estabelecer formas de estimular a investigação e o questionamento sobre os temas que buscamos aprender mais.

Cabe-nos, assim, perguntar: como conceber que podemos definir exatamente onde e como aprendemos? Como ficar alheio a todo este processo, limitando-o a espaços e tempos formais de aprendizagem datados e estruturados?

A estabilidade e acomodação de muitos termos e práticas educacionais ocultam um aparente um descompromisso em relação a questões fundamentais que envolvem o exercício humano do conhecer.

A interdisciplinaridade defendida por Ivani Fazenda (1994; 1999; 2002; 2003; 2006) nos coloca que a atitude interdisciplinar é uma forma de se estabelecer uma relação educativa criativa, inovadora e ousada, pois nos permite caminhar por diferentes perspectivas e olhares.



Pensar nas diferentes formas e possibilidades de diálogo que a contemporaneidade nos coloca, inserindo-as dentro da perspectiva de ação e educação interdisciplinar, requer de nós o reconhecimento da realidade que se vive, bem como da utopia da possibilidade de transformação.

Paradoxalmente, ainda convivemos, no cotidiano, somente com o discurso do “tempo real” da informação e que o ambiente virtual da Internet nos possibilita “estarmos em diferentes lugares ao mesmo tempo”. Essa possibilidade de acesso “em tempo real” de informações que estão acontecendo nos quatro cantos do mundo permitem que enxerguemos a história não como sinônimo somente do passado, ela agora também se passa no presente^{1 e 2}.

Os computadores a que temos acesso ainda são binários e dividem o tempo de execução em milionésimos de segundos, mas cada processador ainda executa uma instrução de cada vez. Como seres humanos, habitamos um universo multidimensional, das plurisensações, da teoria quântica, mas o ambiente da compreensão racional, da assimilação e do conhecimento sobre as coisas ainda transita no universo do estar aqui num tempo e num espaço de referência. Ainda que sejamos muitos, na compreensão, somos um de cada vez.

Nestes tempos de Internet, quando pensamos em acesso à informação, pensamos em velocidade e distância. Vivemos o mundo da ação em tempo real. (grifo do autor) (SANTOS, 1999, p. 226).

Com isso, a primeira crise que se constata é a da identidade. Tenho que sempre estar atenta que a velocidade que se imprime no acesso à informação não altera em

¹ Temos algo a ressaltar: as informações mais atuais sobre as avançadas pesquisas na área da tecnologia da comunicação e informação estão disponíveis em revistas e sites, ao alcance das mãos. Temos o acesso à informação, mas carecemos de reflexões sobre estas. Ao mesmo tempo, centenas de comunidades vivem de forma primitiva em regiões de difícil acesso no planeta, como é o caso das comunidades indígenas e povos que vivem ao longo da região do Himalaia.

² Pineau (2004, p. 36) nos lembra que desde o começo do século afirmava-se que o tempo é originalmente o intervalo consciente entre a necessidade e sua satisfação. [...] os comportamentos de espera manifestam-se entre um princípio de prazer e um princípio de realidade a ser identificado, reconhecido, organizado e articulado. (interessante perceber que o autor ignora aqui a necessidade de escrever “início do século XX”, já que estamos no século XXI e o autor citado, Montagero, escreve suas ideias em 1979).



mesmo grau assimilação desta. Meus sentidos percebem, por meio dos instrumentos, mais do que alcança o cheiro, o gosto, o tato. O mundo que vejo, que leio, que ouço, que assisto tem muitos tempos e espaços diferentes do meu. Espaços que agora se inter-relacionam e se interconectam, num jogo simulador que engana os sentidos, abrindo-se a fantasia de estar atento ao que acontece no momento presente em outro tempo ou espaço. Posso perder, assim, por um momento, a noção mais primitiva do meu eu, do meu *locus*, do meu referencial.

Essa referência estabelecida e necessária para o ato de conhecer é muito grande e muito forte de imaginar que posso viver outros tempos e espaços que não o meu dentro desse contexto virtual da Internet³; que a avalanche de informações disponíveis está realmente me atordoando. Então, penso que o mundo requer mais velocidade no exercício de conhecer, penso que preciso de mais informação do que posso assimilar.

Isso tudo porque imagino que posso viver além do meu tempo e do meu espaço, e que este *locus* não se configura mais no limite do que pode o meu corpo e os meus sentidos, mas, sim, como uso os instrumentos para alcançar outros espaços em outros tempos. Sou direcionado a pensar que posso conhecer coisas com as quais não me identifico, que posso experimentar o gosto daquilo que não vejo ou imagino⁴.

Bem sabemos que o conhecimento, tal como concebemos, é uma construção humana e, portanto, histórica. Esse caráter de historicidade estabelece um *locus* contextualizado no tempo e no espaço, culturalmente estabelecido de acordo com os sujeitos envolvidos. Num sentido mais amplo e coletivo, a historicidade do conhecimento humano se revela como algo construído ao longo do tempo, sob interferências culturais, econômicas, sociais e políticas, denotando-nos um sentido de continuidade, relação e construção mais sólida e ampla.

Num sentido mais pessoal, sabemos que, para se constituir como sujeito histórico, o ser humano necessita estabelecer certezas provisórias em relação ao

³ Vejamos o exemplo do ambiente/jogo virtual *Second Life*, onde a simulação de uma vida virtual envolve questões reais e simuladas, num emaranhado que deixa-nos a questão: para que lutar na vida real se posso simular (quantas vezes quiser) uma vida virtual?

⁴ Muda o tempo, muda o espaço, mudou o espaço, muda-se o tempo. A mudança de espaço ou de tempo provoca em mim uma mudança no modo de olhar o meu espaço ou tempo anterior.



mundo em que vive. Essa provisoriedade das certezas alimenta o círculo virtuoso/vicioso da busca constante do conhecimento a partir de novas percepções e questionamentos, na medida em que os sujeitos estabelecem uma relação permanente de busca do sentido de conhecimento de si e do mundo, sem nos esquecermos, porém, que esse movimento de busca parte do vivido, o que o constitui como movimento de construção e reconstrução, ou seja, conforme Fazenda (1999), concebemos o novo a partir da revisita ao velho. Outras manifestações de “vida” virtual parecem não estabelecer esta referência.

Nesse sentido, segundo Freire (1996), confunde-se a necessidade de se informar sobre o mundo com formar-se no mundo, dissolve-se e superficializa-se o processo de conhecer, se esquece da necessidade de agirmos como sujeitos e não objetos de nossa própria história.

Então, querendo me informar sobre tudo, quase que paro de conhecer, evito me conhecer, permito-me navegar no vento dos tempos e espaços dos outros, informo-me de coisas que não me significam, estabeleço relações superficiais com a vida.

Os instrumentos que me disponibilizam para outros tempos e espaços tornam-se necessários e nos fazem tão dependentes que podem projetar-se, também, como extensões do corpo e dos sentidos, na nossa existência. Hoje podemos simular uma vida virtual e experimentar sensações.

Vive-se no limite de delegar aspectos humanos às máquinas e aspectos mecânicos aos homens; de que máquinas se tornem cada vez mais “inteligentes” e os homens, cada vez mais programados; de pensar que o destino do mundo está na máquina em si e não no uso que se faz delas. Temos máquinas à nossa disposição ou estamos à disposição das máquinas?

As possibilidades tecnológicas da atualidade, de um modo ampliaram as possibilidades de comunicação à distância, de outro, limitam o sentido do termo virtual.



No sentido etimológico do termo, virtual:

tem origem no latim medieval *virtualis* 'virtual', do lat. cl. *virtus*, *útilis* 'força corporal, ânimo, denodo, ferocidade, força de espírito, virtude, amor e prática do bem, poder de eloquência, castidade (de mulher)', este de *vir*, *viri* 'homem'; ver *vir(i)-*; 1789 é a data para a acp. 'equivalente a outro'.

Que existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual; suscetível de se realizar; potencial; (filosofia) diz-se do que está predeterminado e contém todas as condições essenciais à sua realização; (oposto a atual) (FERREIRA, 1995).

existente apenas em potência ou como faculdade, não como realidade ou com efeito real; Derivação: por extensão de sentido: que poderá vir a ser, existir, acontecer ou praticar-se; possível, factível ; suscetível de ser usado ou posto em exercício, em função; equivalente a outro, e capaz de fazer as vezes desse outro; que constitui uma simulação de algo criada por meios eletrônicos; (c1970) Derivação: anglicismo semântico - quase completo; praticamente total; Rubrica: lingüística - relacionado à língua enquanto sistema de relações (*langue*), que se atualiza na fala . Sinônimos: latente, possível, potencial, teórico – Antônimos: efetivo, formal, real (HOUAISS, 2005).

A virtualidade é potência porque há um movimento de alteração do que se considera o real - o percebido, o vivido. Abre possibilidades de projetar, para um outro tempo ou outro espaço (no sentido de que nossa imaginação, nosso corpo, nossos sentidos ou nossa capacidade de comunicação é levado a considerar outros parâmetros que não os concretos) a vivência de uma situação que não seria possível se mantivéssemos as reais possibilidades do tempo e espaço que, concretamente, habitamos.

Quando estamos lendo um livro, por exemplo, estamos em contato com as ideais de um autor que escreveu aqueles termos e conceitos em outro tempo e espaço, ou seja, em outro contexto. À medida que leio, interpreto e me relaciono com o autor, considero suas ideias e imprimo nelas uma interpretação e um valor que dizem respeito a mim e à minha história, ou seja, de certa forma, recoloco as questões lidas no contexto que eu vivo ou que eu imagino serem as do autor.

Quando telefono para alguém, amplio a possibilidade de estar com uma pessoa e falar com ela, alterando o alcance do espaço que habito; quando participo da experiência de estar num brinquedo de simulação, “engano” o meu cérebro, que pensa que estou perto de um vulcão e começo a suar, ou viro e reviro meu corpo, sentado em uma poltrona, porque tenho a “sensação” de que tudo em volta gira.



Assim, a virtualidade tem, na tecnologia, uma poderosa forma de ampliar as possibilidades de tempo ou de espaço nas quais nos encontramos. O sentido do termo OU é muito importante para darmos a devida forma de reflexão que este complexo conceito exige. A virtualidade trabalha com a ampliação da potência do tempo ou do espaço. Caso se considere uma alteração de tempo E de espaço, o contexto, necessariamente se torna alterado e, realmente, não virtualmente, me encontro em outro território.

Torna-se, talvez, um tanto difícil entendermos tal questão, na medida em que estamos imersos em uma realidade onde a imaginação e a virtualidade se esbarram no que concebemos como real a todo tempo.

Somado a isto, temos outras questões que podem colaborar com a dificuldade em tratarmos essas questões quando nos referimos à relação entre o que é natural e o que é artificial no humano.

A capacidade humana de automatizar aprendizagens nos torna capazes de, ao nos apropriarmos de uma questão, esta se torne como que inerente ao ser constituído. Por exemplo, a alfabetização é uma atividade humana de adaptação a regras e conceitos da linguagem escrita. Temos, ao sermos alfabetizados, que nos adaptar a uma forma de comunicação e aprender suas regras. À medida que isto é apropriado pelo ser humano, ele passa a entender sua própria pessoa tão integrada com esta forma de comunicação, que esta parece fazer parte da constituição biológica do ser humano.

Vamos nos apropriando e, com isso, transcendendo o conhecimento que envolve tais aprendizagens. Dessa forma, criamos em cima destas relações entre o homem e suas apropriações. Assim, a vida social se revela um emaranhado de relações entre homem e tecnologias, de tal forma que fica cada vez mais difícil conceber a vida social humana sem algumas das aquisições tecnológicas adquiridas ao longo da história. Ao mesmo tempo, estas mesmas tecnologias estão tão presentes na vida humana que se torna difícil para o próprio ser humano concebê-las como formas externas a ele. O homem é, sendo homem, social.

O ser humano constitui-se por meio de sua história e de sua cultura. Segundo Santos (1999, p.141), “as épocas se distinguem pelas formas de fazer, isto é, pelas técnicas. Os sistemas técnicos envolvem formas de produzir energia, bens e serviços,



formas de relacionar os homens entre eles, formas de informação, formas de discurso e interlocução”.

A história nos conta das marcas profundas que se fixaram na relação Tecnologia e Sociedade e nos direciona a acreditar que o movimento do passado se fazia em uma direção linear e crescente.

Mas, ao acreditarmos na diversidade do presente como histórias em construção, percebemos que somos nós a escolher, de certa forma, qual a construção que faremos do presente e, quando este for passado, o que ficará como marca histórica deste nosso tempo vivido.

A tecnologia nos trouxe, e continua nos trazendo, o passado mais presente. Fatos e conhecimentos têm sido registrados como parte de nossa memória histórica, para um futuro, como marcas de nossa existência. Cabe a nós, humanos, criadores destas tecnologias, escolhermos qual o presente que deixará as marcas mais profundas, aquelas que sobreviverão ao tempo. Ou, quem sabe, que estes tempos: presente e passado, nada mais sejam do que uma invenção do humano na sua identidade com relação ao mundo e com o outro.

Educação ou ensino a distância: à distância do que?

A diversidade de iniciativas de educação e ensino à distância no país reforça a necessidade de se estudar mais atentamente as possibilidades pedagógicas e interdisciplinares do ambiente informático virtual, visando estabelecer formas reflexivas e críticas de utilização do espaço virtual como meio de ensino e aprendizagem, sem deixarmos de lado as concepções sobre educação e aprendizagem que embasam o fazer profissional, ou seja, sem nos distanciarmos de toda a historicidade e movimento da educação que construímos e discutimos acima. Educação a Distância não pode ser algo desprezado das considerações que perseguimos e acreditamos em termos de formação.



Segundo Silva (2006, p. 41- 2), a origem da educação à distância

perdeu-se no tempo. Alguns autores consideram o advento da imprensa como início da distribuição da educação; outros consideram os serviços de correio como marco fundamental desta modalidade de educação (...) as tecnologias utilizadas na educação a distância acompanharam o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação e, dessa forma, evoluíram da mídia impressa, através do ensino por correspondência atingindo o rádio, a televisão aberta e circuito fechado, o videocassete, o telefone e, finalmente a Internet.

Ainda segundo o autor, independente da origem, a educação a distância vem sendo utilizada mais fortemente a partir da década de 30, objetivando, principalmente:

- a distribuição da informação a populações geograficamente dispersas;
- o acesso à informação por profissionais que não podem se afastar do local de trabalho ou por viajantes;
- a não interrupção dos estudos por pessoas institucionalizadas ou privadas dos sistemas convencionais de educação;
- a ampliação das possibilidades de educação continuada;
- a oportunidade de contato com conhecimentos emergentes, especializados, experiências regionais e com pesquisas realizadas em centros de excelência
- o intercambio de informações entre instituições, regiões e países;
- as possibilidade de informação profissional.

O conceito de educação à distância, segundo Camas (2002, p. 3):

se dá devido à separação física e geográfica entre alunos, professores e instituição de ensino, possibilitando entender que a interação e a comunicação dos sujeitos educacionais aconteça por meio de dispositivos tecnológicos diversos, substituindo, em parte ou integralmente, a interação pessoal na sala de aula, como meio presencial de ensino, proporcionando a aprendizagem independente e flexível do aluno.

Já no sentido histórico, a mesma autora nos adverte que o ensino a distancia é aquele que ocorre quando se tem o professor (aquele que ensina) e o aprendiz (aquele a quem se ensina), separados no tempo e/ou no espaço físico. Neste sentido, o livro,



entre outros recursos menos hegemônicos na educação, é um exemplo de Educação/Ensino a Distância.

A Educação/Ensino a distância teve sua concepção delimitada com o advento da Internet, tanto que se tornou sinônimo associativo direto: o que vemos na prática é: pensar em AD⁵ é pensar nas possibilidades de utilização dos recursos da internet nesta forma de intervenção educativa⁶.

Discutirmos sobre o que se concebe como educação a distância também merece atenção. Diversas manifestações, aplicações e forma das propostas atuais de cursos em ambiente virtuais baseado na Internet envolvem mais um processo de ensino do que, mais propriamente educação, tal como as outras tentativas de se fragmentar a educação como educação escolar.⁷

Canales (2007, p. 137), lembra-nos que:

Não há, porém um modelo único de educação a distância. Os programas podem apresentar diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos. A natureza do curso e as reais condições do cotidiano dos alunos é que vai definir a melhor tecnologia, a necessidade de momentos presenciais em estágios supervisionados, laboratórios e salas de aula, a existência de pólos descentralizados e outras estratégias.⁸

⁵ Iremos utilizar a sigla EAD para designar a Educação/Ensino a Distância, visto que na bibliografia e nas conversas do cotidiano estes dois termos não estão bem delineados, o que corrobora com a afirmação de há carência de reflexão sobre o sentido desses termos.

⁶ Interessante perceber que o dicionário HOUAISS define Educação a Distância como “mesmo que Teleducação”, sem maiores comentários. Na definição de Teleducação, temos: processo de ensino por meio de correspondência postal, rádio, televisão, Internet, etc., que se caracteriza pela não-contigüidade do professor; educação a distância, ensino a distância.

⁷ É certo que, se nos educamos nos diferentes espaços e de diferentes modos, podemos defender que sempre estamos educando ou nos educando, de alguma forma, não muito clara ou definida. Penso que o ato de ensinar é mais formal e objetivo. Aqui se tem uma intencionalidade conhecida, um determinado objetivo a cumprir. Por este motivo, talvez que o termo mais adequado para tratarmos iniciativas de cursos a distância diversos é Ensino a Distância, bem como, também talvez, ao tratarmos da educação escolar, devêssemos nomear esta intenção de ensino escolar.

⁸ Esta afirmação se dá no sentido de que, apesar de termos uma variedade enorme de propostas de utilização dos ambientes virtuais baseados na Internet, na educação, as bases avaliativas destes ainda conferem uma prioridade nas tarefas cumpridas, avaliando a participação do aluno baseando-se também no tempo dedicado ao ambiente e sua participação ativa em fóruns e discussões.



Bem sabemos que, ao explorar um diferente meio ou proposta de ensino-aprendizagem, diferentes olhares e abordagens sobre o vivido emergem, ora apontando dificuldades antes já encontradas e ainda obscuras, ora levantando novas possibilidades de reflexão e atuação. Sobre isto, Almeida (2001, p. 11) nos coloca: “velhas inseguranças tombam uma a uma. E aí começa a dolorida história da desconstrução. Nunca fácil, nem cômoda”.

O universo da educação é amplo e rico o suficiente para que pequenas iniciativas promovam um rico repertório de investigação e aprofundamento dos espaços e meios formais e informais de aprendizagem.

Diferentes autores da área de educação e informática têm nos ajudado a refletir sobre essas questões. ‘Aprender a aprender’, por exemplo, é uma das afirmações deste século que são enfatizadas quando discutimos sobre EAD. Segundo Almeida (2001, p. 13), aprender a aprender não pode se desligar de três elementos principais:

- Que não se restrinja ao discurso
- Que não se alijem os conteúdos da aprendizagem, sem os quais os processos não se desenvolvem.
- Os processos de aprendizagem, para serem analisados, interpretados e conhecidos, devem ser registrados e documentados.

Termos como informação, conhecimento, mediação pedagógica, complexidade, participação, presencialidade, virtualidade e fisicidade, aprendizagens colaborativas se fazem presentes, requerendo novos olhares e novas aberturas conceituais no sentido de se entender a questão da aprendizagem e da relação aluno-professor. Outro fator de importante investigação é justamente o fato de que, num ambiente virtual baseado na Internet, a possibilidade de registro das manifestações, construções e interlocuções são imensas. É como se pudéssemos registrar as inúmeras falas que se estabelecem em uma sala de aula (conversas formais e informais), disponibilizando, também, diferentes formas de comunicação (síncronas e assíncronas). O fato é que todo esse registro tende a formar um novelo enorme tecido de informação registrada de cada aluno, de tal forma que, facilmente, torna-se



difícil e angustiante ficar sem acessar o ambiente por um só dia. Que nos digam os tutores, quando entram no ambiente virtual e se veem às tantas com as interlocuções para acompanhar e mediar.⁹

Algumas pesquisas contribuíram com as reflexões propostas acima, indicando avanços e reflexões importantes a serem considerados na pesquisa, entre eles: Lacombe (2000) quando analisa o desempenho e as atitudes de alunos de um curso de inglês básico ministrado pela Internet, contribui com importantes indicativos de aspectos a serem considerados quando do planejamento e atuação do professor que irá mediar e orientar o curso em ambiente virtual; Soares (2010), quando estuda o papel do inconsciente nas relações educacionais, principalmente o inconsciente do educador em relação ao educando, contribui de forma a organizar teoricamente a questão da subjetividade da relação aluno-professor, donde podemos perceber que a distância física entre o aluno e o professor, nos momentos de formação à distância, o inconsciente e a subjetividade apresentam aspectos importantes na relação aluno-professor; Bretas (2000) nos traz informações importantes sobre o uso da Internet pelos jovens e como eles concebem a questão do conhecimento e da informação; também Cerceau (1998), que estuda a formação à distância de recursos humanos para a informática educativa, aborda o tema numa investigação interessante sobre o processo de formação virtual para o ambiente virtual.

Ainda seguem-se inúmeros trabalhos interessantes, tais como: Langhi (1998) - Educação a distância através da Internet: um estudo de viabilidade e das possibilidades do uso da Internet num programa de capacitação, treinamento e aprendizagem a distância; Carvalho (1998) - Educação a distância: uma reflexão sobre o sentido da educação.

Importante também ressaltar os diversos autores que contribuem com importantes concepções e conceitos referentes às questões da informática e educação, que servem de referência para as pesquisas apresentadas, como: Paul Virilio, Pierre Lévy, Maria Cândida Moraes, Fernando José de Almeida, José Armando Valente,

⁹ Estas observações foram inseridas baseadas em conversas informais com tutores e com a própria experiência da autora, como aluna, tutora e coordenadora de cursos a distância. O ritmo que se impõe no processo de aulas virtuais requer de todos os participantes um rígido controle de tempo e participação. Conseguir analisar e refletir sobre o processo de formação de cada aluno é um desafio e tanto. Em média, os cursos dos quais participei tinham de 35 a 40 alunos por turma.



José Manuel Moran, Ubiratan D´Ambrósio, Elizabeth Almeida, Afira Vianna Ripper, Vani Kenski, Elizabeth Prado.

Sabemos que muitos dos processos de investigação de ambientes virtuais de aprendizagem – principalmente pesquisas que envolvem ambientes baseados na internet – têm permanecido neste equívoco de tentar limitar o ambiente de investigação virtual, isentando de considerar as trocas e aprendizagens construídas “do lado de fora”. Ao contrário, possibilitar relacionar as diferentes formas de educação inclui conceber e articular os ambientes diversos de aprendizagem, tanto presenciais como virtuais.

Nestes termos, a concepção de educação a distância ressurge e resgata as variadas formas de educação à distância do espaço escolar, e não do professor, apresentando-se como espaços de aprendizagem e formação não intencionais ou formais, porém importantes de serem considerados.¹⁰

Estabelecer formas de utilização dos ambientes virtuais, organizar espaços e administrá-los de forma coletiva e democrática dá um sentido de autonomia e cidadania, bem como, constitui-se uma forma coerente de gestão democrática. Assim, algumas questões importantes se colocam para reflexão:

- A relação entre as possibilidades de ensino e de educação a distância;
- o processo de presencialidade e participação nos ambientes virtuais, dentro das formas de ausência e presença nas discussões, bem como nas formas de diálogo e de estudo encontradas para aprofundar os temas propostos;
- a padronização e a singularização do processo de aprendizagem nos ambientes informáticos;
- o tempo da aprendizagem e a velocidade das trocas de informações na rede virtual;
- a questão da necessidade do rigor conceitual, contra ainda o tempo e a velocidade/necessidade de respostas;
- o acúmulo de registros e a necessidade de se socializar todas as discussões;
- o modo de avaliar a presença/ausência dos alunos.

¹⁰ Neste momento a questão que se coloca é a que nomeia esta parte do trabalho: “educação à distância: a distância do que?”



Estes nos parecem ser alguns dos aspectos que merecem discussão ampla nos espaços onde se consideram as possibilidades de se utilizar as formas informáticas de aprendizagem em rede, o que também nos leva a pensar que, mesmo nos ambientes tradicionais de sala de aula ditas presenciais, as mesmas questões devem ser consideradas relevantes, pois, se estamos discutindo a educação e não somente o ensino, deve ser considerado o entrelaçamento dos ambientes educacionais vividos, virtuais e presenciais.

Referências

- ALMEIDA, Maria Elizabeth B.; MORAN, José Manuel (Org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: MEC, Seed, 2001.
- BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. **Interações telemáticas**: estudo sobre jovens internautas de Belo Horizonte. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, BH, 2000.
- CAMAS, Núria Pons Vilar dell. **Educação à distância em realidades virtuais**: a postura do professor do ensino superior ante as novas tecnologias facilitadoras de formação continuada. 2002. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2002.
- CANALES, Guillermo Eduardo Arancibia. **Formação de professores presencial - virtual**: lógica concêntrica no desenvolvimento profissional e humano, trajetória pessoal, profissional e interdisciplinar do professor. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.
- CERCEAU, A. D. **Formação a distância de recursos humanos para informática educativa**. 1998. Dissertação (Mestrado) - Instituto da Computação, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1998.
- FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. (Coord.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. (Org.). **Interdisciplinaridade**: dicionário em construção. São Paulo: Cortez, 2002.
- FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. (Org.) **Interdisciplinaridade na formação de professores**: da teoria à prática. Canoas: ULBRA, 2006.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACOMBE, Isabel Alencar. **Navegando e aprendendo: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores**. 2000. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.

PINEAU, G. **Temporalidades na formação: rumo a novos sincronizadores**. São Paulo: Triom, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SILVA, Cláudio Alex Fagundes da. **Indagando o sentido de presença e o sentido da presença na educação**. 2006. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento; VALENTINI, Carla Beatris. **Aprendizagem em ambientes virtuais [recurso eletrônico]: compartilhando ideias e construindo cenários**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

Raquel Gianolla Miranda – Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL. São Paulo | São Paulo | Brasil. Contato: rg.miranda@uol.com.br

Artigo recebido em abril de 2015 e aprovado em junho de 2015.